



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 33-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico Talhada — Lisboa • Telefone 5339
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Lama! Lama! Lama!

A pena acariciadora, terna, que se aplicou ao Liberato

Não é a primeira vez que se dá o facto escandaloso de se reter na prisão, no Limoiro, operários, por recarregar sobre eles a suspeita de bolchevistas. De nada servem protestos e razões. Os operários que sob tal suspeita temem a infelicidade de cair nas garras aduncas da justiça só ao fim de trabalhos titânicos conseguem ver o sol da liberdade.

O sr. Liberato Pinto, porém, tem sido tratado com todas as desfavoráveis. O sr. Liberato Pinto foi condenado simplesmente a trinta dias de cadeia e doze meses de inactividade com homenagem na prisão de Elvas.

Os tribunais, não tinham, portanto, vontade de condenar o tenente-coronel Liberato Pinto.

Nós não podemos admitir, encarando o caso pela pura moral burguesa, que um homem como Liberato Pinto seja, condenado apenas a trinta dias de prisão e um ano de inactividade que há de permitir ao condenado empregar a sua actividade em visitas entusiásticas às espanholas salerosas de Badajoz.

Será possível que os crimes de Liberato só mereçam uma pena leve? Não. Estamos convencidos de que os crimes do tenente-coronel eram grandes, muito grandes, mas também as altas posições (comandante da guarda-republicana e presidente do ministério) que o criminoso ocupou, condescendeu, deixou-se avassalar por uma ternura inexplicável e aplicou um castigo leve, suave, como uma carícia de mulher.

Assim, o público calcula a gravidade dos crimes cometidos pelo sr. Liberato, pela pena acariciadora que lhe aplicaram. E fica sabendo que se Liberato Pinto não tivesse sido presidente de ministérios, dirigente da nação honrada, depois de ter praticado os seus crimes, teria sido condenado à pena máxima.

Nós já sabíamos o que era a justiça burguesa. Roubaste muito? Fizeste uma fortuna à custa de tranqueirinhas? Serás bem tratado, terás nos breves dias de prisão, criados para te servir.

E's ignorado? Pesa sobre ti uma simples suspeita? Serás condenado a uma pena pesada, formidável. Sofrerás, gemerás, verás teus filhos morrendo de fome, empestar-te-hão a mobília para pagamento de multas e custas de processo.

O sr. Liberato Pinto venceu. A imoralidade, tornou a sair triunfante numa sociedade imoral e injusta. O sr. Liberato Pinto arrecaçará a sua fortuna ganha, ganha, ganha como?

Como podemos nós dizer de que forma conseguiu o sr. Liberato Pinto fazer fortuna, se ele nunca foi obrigado a dizer-lhe, se ele não precisa dar-nos satisfações da maneira irregular como a obteve, mas apenas arrecadá-la e gozá-la, olhando-nos desprezivelmente do alto dos seus contos... de réis e da sua pena... fingida?...

A justiça, o governo e a república, enfamearam-se na lama que cobria o criminoso. Só resta que o regime se afogue completamente na lama dos cinco milhões de dólares.

Sój-s-nos permitido dizer, para remate das nossas apreciações e para satisfação da vontade quase irreprimível de dar a tudo isto o nome: —Lama! Lama! Lama!

Falta de luz

Em virtude dum desarranjo no cabo condutor da electricidade, fomos condenados a fazer o presente número de *A Batalha* à luz de petróleo.

Fique isto como justificação das deficiências que o leitor encontre.

As Juntas de Freguesia

trata das questões do pão e do inquilinato

Sob a presidência do sr. João Craga, reuniram-se ontem à noite, nos Paços do Concelho, as Juntas de Freguesia de Lisboa, a fim de se ocuparem da questão do inquilinato.

O sr. Benigno de Carvalho protesta contra a ideia de se adoptar três tipos de pão, entendendo que uma comissão procure o governo a fim de lhe pedir que mantenha os actuais tipos ou se os modificar não seja elevando o preço.

O sr. Filipe Ribeiro diz não lhe repugnar a adopção dos três tipos, o que entendia era que não fosse grande a diferença dos preços para evitar fraudes.

O sr. Carlos Fernandes dos Reis entende que se deve pedir um só tipo de pão em Lisboa e Pórtio e nesse sentido formula proposta que é aprovada por maioria.

O sr. Raúl Ventura dos Santos apresenta a moção seguinte que justifica: Considerando que compete às Juntas de Freguesia o defender e zelar, tanto quanto possível, pelo bem estar de todos os paroquianos;

Considerando que o problema da habitação está actualmente servindo de jogo com os parcos salários da pobreza da capital;

Considerando que senhores há que, para satisfazermos as suas anuilações capitalistas, estão desfazendo-se suando as algibeiras dos inquilinos, incertos, com aumentos excessivos das rendas da casa, o que é contrário ao que dispõe o art.º 103 do decreto 541 de 1911;

Considerando que não só sugar o pobre inquilino, mas também defraudem o Estado no que diz respeito a contribuição e imposto do selo;

Considerando que também há senhores que para melhor negocarem com as suas propriedades oferecem aos inquilinos grandes quantias para assim os subornarem e quando o não conseguem tentam por qualquer forma o despejo, o que é contrário ao art.º 107 do mesmo decreto;

Considerando que também existe na capital sub-arrendatários, alugueres de quartos e empresas que encapacitadamente negociam, proibido pelo artigo 112 do mesmo decreto, os quais tem ultrapassado os senhores nos negócios o que por isso merecem a nossa reprovação;

O seu funeral efectua-se hoje, pelas 16 horas, para o cemitério do Lumiar.

Uma família envenenada

O chefe já faleceu, estão em gravíssimo estado os restantes membros

Joaquim José Folgado, de 54 anos, trabalhador do Parque Eduardo VII, casado com Ana de Jesus Costa, de 42 anos, de quem tem dois filhos, Maria José Folgado, de 18 anos, operária da fábrica de tecidos da firma Carlos Telhado, em Benfica, e Alvaro Folgado, de 17 anos, trabalhador num forno de cal da Ponte Nova, todos naturais de Tortozendo, concelho da Covilhã, e residentes na Cruz das Oliveira, Ilha Amarela, n.º 19, à Serra de Monsanto, saiu anteontem do seu trabalho e dirigiu-se a casa, onde, cerca de 20 horas, juntou na companhia de sua mulher e filhos.

Meia hora depois de ingerir a refeição, que constava de arroz, bacalhau

com batatas e vinho, começaram todos a sentir-se muito afliitos com vómitos e

violentas dores no ventre que lhes provocavam gritos afliitos, dando isto

ocasião a que algumas vizinhas e dois

soldados do Forte Monsanto ali comparecessem, tomando estes a deliberação

de se dirigirem à esquadra de Al-

cântara, onde contaram o ocorrido.

Só as 5 e meia da manhã compareceram no local o guarda n.º 1836 e um

auto da Cruz Vermelha, encontrando

se já a essa hora agonizante o chefe da

família, e em estado bastante desesperado os restantes intoxicados, não con-

segundo nós, apesar de empregarmos

todos os esforços, saber a quem se deve

a grande morosidade dos socorros

nunca desta natureza.

Conduzidas as vítimas ao hospital de S. José, foram imediatamente tratados, recolhendo depois em estado gravíssimo a várias enfermeiras.

O chefe da família, faleceu momentos

depois de entrar na cama n.º 5, da

enfermaria de S. José, sendo o cadáver

removido para a casa mortuária do

mesmo estabelecimento onde aguardará

a sua remoção para a morgue, a fim de

ser autopsiado judicialmente.

O azeite, o arroz e as batatas tinham

sido comprados no sábado passado

num armazém regulador nas proximidades do Parque Eduardo VII, estando

perfeitamente averiguado que não foram

estes gêneros que provocaram a intoxicação, visto que já não era a

primeira vez que ingeriam, havendo

suspeitas que fosse o bacalhau, comprado a Francisco Barata, operário de

uma fábrica de chitas na Ponte Nova,

que vende clandestinamente esse peixe,

ou o vinho comprado na taberna de

uma tal Elísia, sita na Ilha Amarela,

que provocaram o envenenamento.

A polícia, os tribunais e as prisões,

em vez de prevenir e curar o crime, fo-

mentam-no e desenvolvem-no, o que

aliás lhes é vantajoso; e mesmo os

actos francamente anti-sociais, são só

severidade para os pobres, mas passa-

culpas para os ricos e influentes. —

CONFERENCIAS

O Ideal em marcha

Sobre este tema realiza no próximo dia 22 do corrente, pelas 21 horas, uma conferência do nosso amigo Gonçalves Correia na sede da Associação dos Empregados do Escritório, rua da Madalena, 255, 1.º, e a convite da mesma.

O conferente aceita a contradição seja

de quem for, dando absoluta liberdade

aos seus contraditores para discutirem

as suas afirmações.

Os cincuenta milhões

O banqueiro, sr. Pedro de Ar.

ijo, que entrou no grande conto do vi-

ário conhecido vulgarmente pelos cí-

ncuenta milhões, foi ontem preso.

Consta, porém, que não se assustou

com a sua prisão pelo facto de ter visto

a maneira delicada como foi tratado

o seu colega tenente-coronel Liberato

Pinto, conhecido também como honra-

do, honestíssimo, incontestável, ser-

íssimo cavalheiro de indústria.

REVULSIVOS

Essa grande tragédia

Dos milhares americanos

Há pouco, o *Notícias*, disse

Ser um tímido engano,

Um enorme fajardisse.

Disse mais esse jornal

Que é um festejo de unantes

Este pobre Portugal.

É assim e é assim

Do nosso grande Pombal.

Armas, apesar, em conselheiro,

De sentença a grande

Sendo, em parte, verdadeiro,

Indo de vez a seu conselho.

Contra o bandido aventureiro.

Incêndio numa fábrica de cortiça

Declarou-se ontem, à tarde, um vio-

lento incêndio na fábrica de cortiça da

firma Quintino & Nunes, da Barreiro.

Compareceram no local os bombeiros da União Fabril.

Neno Vasco

Passa hoje o aniversário da sua perda irreparável

Neno Vasco é um nome querido entre os operários conscientes. Faz hoje precisamente um ano que a sua morte arrancou o seu nome da obscuridade para o enfileirar ao lado dos nomes dos maiores pensadores libertários do mundo inteiro. O primeiro aniversário da sua morte perturba-nos, faz-nos tremer a pena, é momento em que nos anunciamos a sua perda irreparável.

Neno Vasco é um nome querido entre os operários conscientes. Faz hoje precisamente um ano que a sua morte arrancou o seu nome da obscuridade para o enfileirar ao lado dos nomes dos maiores pensadores libertários do mundo inteiro. O primeiro aniversário da sua morte perturba-nos, faz-nos tremer a pena, é momento em que nos anunciamos a sua perda irreparável.

Neno Vasco é um nome querido entre os operários conscientes. Faz hoje precisamente um ano que a sua morte arrancou o seu nome da obscuridade para o enfileirar ao lado dos nomes dos maiores pensadores libertários do mundo inteiro. O primeiro aniversário da sua morte perturba-nos, faz-nos tremer a pena, é momento em que nos anunciamos a sua perda irreparável.

Neno Vasco é um nome querido entre os operários conscientes. Faz hoje precisamente um ano que a sua morte arrancou o seu nome da obscuridade para o enfileirar ao lado dos nomes dos maiores pensadores libertários do mundo inteiro. O primeiro aniversário da sua morte perturba-nos, faz-nos tremer a pena, é momento em que nos anunciamos a sua perda irreparável.

Neno Vasco é um nome querido entre os operários conscientes. Faz hoje precisamente um ano que a sua morte arrancou o seu nome da obscuridade para o enfileirar ao lado dos nomes dos maiores pensadores libertários do mundo inteiro. O primeiro aniversário da sua morte perturba-nos, faz-nos tremer a pena, é momento em que nos an

